



Onésimo Teotónio Almeida

Eleições nos EUA: O imbróglio da contagem dos votos

Sempre houve votação pelo correio para americanos a residir no estrangeiro e militares em serviço fora do país, bem como incapacitados físicos.

Há vários meses, toda a gente recebeu cartas pelo correio do Board of Elections do Estado (no meu caso, Rhode Island) oferecendo a oportunidade de solicitar votação por correspondência. Minha mulher e eu optámos por aproveitar, pois isso evitaria termos de esperar em filas no dia das eleições, correndo riscos de exposição ao Covid-19. Preenchemos o formulário e remetemos pelo correio.

Semanas depois, chegou uma carta para cada um de nós com o Boletim de Voto. As instruções indicavam que ele devia ser remetido selado no envelope, para o efeito também incluído, que, por sua vez, deveria ser colocado dentro de outro (igualmente fornecido no pacote) com uma folha que deveria levar o nosso endereço e assinatura, a fim de poder ser tudo conferido com o nosso Registo de Eleitor arquivado no Estado. Só depois disso o envelope com o voto fechado seria colocado nas urnas. O importante é a carta receber o carimbo do correio até às 20 horas do dia das eleições (é normal estações de correio estarem abertas em dias úteis até às 23h).

Todo o processo é controlado por equipas bipartidárias que fazem parte do Board of Elec-

tions. Cada envelope é aberto diante de equipas dos dois partidos.

Como o partido Democrata tem bastante mais eleitores com instrução superior à média, foi elevado o número dos que preferiram esse mais complicado processo. É por isso também que, como estes votos são os últimos a ser contabilizados, pois só podem ser abertos no dia das eleições, a soma total a favor de Biden tem vindo a crescer.

Trump, consciente da preferência dos democratas por esse nodo de votação, há muitos meses nomeou uma pessoa da sua confiança para a Direcção dos Correios. Seguiram-se despedimentos de funcionários e mandatos de eliminação de muitos marcos de correio há décadas espalhados pelo país. Daí que, nos últimos tempos, o correio esteja a demorar imenso. Semanas e às vezes meses (e eu disso tive inúmeras provas).

A contagem desses votos sempre demorou, continuando nos dias a seguir às eleições. Só que, porque no passado nunca eram muitos, normalmente não afectavam o cômputo geral. Desta vez, o volume é enorme. Compreende-se assim que Trump tenha insistido tanto em terminar a contagem dos votos no dia das eleições, o que nunca acontecera.

As queixa dos Republicanos sobre ilegalidades têm sido divulgadas sem apresentação

de provas. Mas há-as também de Democratas. Nem tudo é perfeito, todavia não parece existirem razões de suspeita de ilegalidades organizadas, ou sistémicas.

Trump na campanha eleitoral de 2016 fartou-se de proclamar, que elas estavam a ser aldrabadas. Porque ganhou, calou-se. Agora de novo há muito vem repetindo a cantilena. Faz parte da sua estratégia. Age assim em tudo o mais. Repete insistentemente apenas o que lhe convém, sem nenhum respeito pela verdade.

No discurso que proferiu esta quinta-feira à noite na Casa Branca, ao fim de alguns minutos os canais principais de TV (NBC, CBS e ABC) decidiram interromper a transmissão, explicando preto no branco que era sua obrigação não colaborar naquele louco desfilar de mentiras e insultos ao sistema, que ao fim e ao cabo foi montado e é controlado tanto por Democratas como por Republicanos.

Mas é este o comportamento do actual ocupante da Casa Branca, que se arroga ao direito de fazer o que nenhum presidente até aqui ousou ou sequer sonhou. Tanto de um partido como do outro, todos os candidatos tiveram sempre a preocupação de exibir um ar digno, um saber perder, por respeito à dignidade do cargo. Tudo, aliás, o que tem sido posto borda fora nestes últimos quatro anos.



Hernâni Bettencourt *

Alô, Dr. Ventura? “Distrital” Açores, escuto!

O título até podia ser meramente sarcástico, mas infelizmente não é. A Autonomia, defendida inclusivamente pelos monárquicos de conveniência que surgiram por aí nos tempos mais recentes, passou a ter um perigoso inimigo dentro de portas. Refiro-me, obviamente, ao Chega. Este partido, feito à medida e vontade unicamente do seu criador, rege-se, entre muitas outras patifarias, pelo ódio e desprezo às Autonomias.

Na página eletrónica do partido, os Açores merecem o mesmo tratamento de Bragança, Leiria ou Santarém, isto é, são todas distritais: “DISTRITAL DOS AÇORES”!!! Continuando nesta senda com odor bolorento, não admira que nos Estatutos do referido partido se refira que eventuais estruturas nos Açores e Madeira sejam denominadas “Seções Regionais”; ou que conste que compete à direcção nacional (eufemismo de André Ventura) “aprovar as listas de candidaturas aos governos e parlamentos regionais”!!!; ou que compete também à direcção “Coordenar a atuação dos órgãos regionais do Partido, apreciar a sua atividade e propor ao Conselho de Jurisdição Nacional a sua dissolução em caso de

manifesta violação do Programa ou dos Estatutos do Partido, convocando imediatamente a respetiva assembleia para eleger novos órgãos”!!!; ou ainda que compete ao Presidente da direcção nacional “Apresentar publicamente a posição do Partido “CHEGA” sobre as matérias da competência da direcção nacional” e “Representar o Partido perante os órgãos de Estado e os demais Partidos”.

A outro nível, tenhamos sempre bem presente que o Dr. Ventura plasmou logo no artigo 1.º dos seus estatutos que “O Partido ‘CHEGA’ nasce da legítima aspiração do Povo Português em construir uma nova República”. E daqui temos de, para efeitos de total compreensão do que está em causa, passar para o projeto de revisão constitucional apresentado pelo Dr. Ventura. E, então, o que consta nesse projeto para se “construir uma nova República”? O País sonhado pelo Dr. Ventura teria uma quase revogação integral do capítulo insito na Constituição relativamente aos direitos, liberdades e garantias por forma a incorporar “coisas” como pena de prisão perpétua; pena coerciva de castração química ou física para condenados pela prática de crimes de índole sexu-

al e trabalhos forçados para prisioneiros, entre outras atrocidades civilizacionais! No campo político, no País do Dr. Ventura não haveria lugar à garantia constitucional da autonomia político-administrativa dos Açores e da Madeira; seria dada abertura a outras formas de governo (monarquia?); o semi-presidencialismo actual daria lugar a uma espécie de Presidente da República em versão musculada de líder da nação; os membros do Governo teriam de ser de “raça pura” (nacionalidade portuguesa originária), etc.. No campo económico e fiscal, destaque para o fim da progressividade fiscal no país do Dr. Ventura. Por fim, no domínio da solidariedade social, teríamos um estado minimalista e uma verdade caça às bruxas no RSI e outros apoios sociais fundamentais. Feita esta apresentação do Chega, cujo presidente e única voz do partido (segundo o próprio) até aparecia nos cartazes ao lado do representante da “distrital Açores”, julgo ser legítimo deixar no ar a seguinte pergunta: querem mesmo fazer dos Açores um parque experimental da “nova República” do Dr. Ventura?

* Jurista